

# O NÃO: FORMADOR DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS?

## Introdução

Das leituras feitas por nós, no que respeita ao elemento de negação em português *não*, inferimos que não é pacífica a classificação deste em compêndios gramaticais, lingüísticos e mesmo em obras lexicográficas. Uns acolhem *não* como marca de negação sintática, mesmo em ambiente pré-substantival e pré-adjetival. Outros o têm como formador de palavras, neste contexto, mas, ainda assim, reina dissenso.

Neste segundo grupo, há uns que classificam *não* como prefixo, outros como prefixóide, outros como elemento de composição.

Este trabalho intenta dar uma certa ordem ao caos. Procuramos responder às seguintes perguntas:

- a) *não* participa da formação de palavras em ambiente pré-substantival e pré-adjetival?
- b) se a resposta é positiva, que classificação é cabível para *não*: prefixo, prefixóide ou elemento de composição

Responder a tais perguntas é o objetivo do exposto na secção abaixo.

## Não: formador de palavras em português?

Entre os gramáticos tradicionais, há reticência ou dúvida quanto ao fato de *não* poder formar novas unidades vocabulares a partir de adjetivos e substantivos. Para ilustração, reproduzamos o trecho abaixo, de Bueno (1963):

*Recorre a língua aos prefixos negativos para suas expressões de negação, principalmente a in-, de-, des-: infiel, desgosto, desamar, desadorar, depor, depenar, e também ao grego a-: acatólico, amoral. Algumas vezes per- toma o sentido: perjurar, pérfido. Muito comumente emprega não, sem, a fim de destruir o sentido afirmativo dos vocábulos: não tolerante, sem-cerimônia, sem-ventura, sem-razões, etc. (p. 330)*

O autor deveria ter explicitado melhor a condição morfológica de *não*, caso contrário somos le-

vado a crer, por inferência, que um e outro são prefixos, em virtude da alusão às unidades prefixais citadas anteriormente. Cabe indagar por que *não* não aparece hifenizado junto à palavra *tolerante*, enquanto *sem* apresenta hífen junto aos itens lexicais. Perguntamos também por que motivo, na página 99, ao tratar dos prefixos, em especial dos indicadores de negação, Bueno não menciona *não*.

Barreto (1986) refere-se explicitamente a *não* como expediente sintático de negação:

*Além da palavra não, há outros sinais de negação, que dão significado negativo a vocábulos distintos dos verbos usados em desinência pessoal. Tais são os prefixos in, des, a, e a preposição sem: indomável, incapacidade, desprimor, desamparo, desatar, desagradável, afônico, anormal, sem-razão, sem-justiça, sensabor. (pp. 141-2)*

Entre os gramáticos mais modernos, Cunha (1983: 78) trata o *não* como elemento de composição, de natureza adverbial. Todavia não o faz explicitamente. Inferimo-lo através de um exemplo, *não-euclidiana*.

Falemos agora das obras lexicográficas. Em Moraes (1813), 2º. volume, o dicionarista reconhece a possibilidade de *não* poder ajuntar-se a substantivos e adjetivos. Cita inclusive exemplos de autores antigos, como João de Barros e Vieira, o que já elucida que o emprego de *não*, nesses contextos, não é tão recente, nem se deve a influência do inglês, como imagináramos.

Moraes, todavia, trata o *não* como advérbio, quer seja pré-verbal, pré-substantival ou pré-adjetival. Interrogamo-nos se ele o encarava como elemento formador de novas unidades léxicas, já que não há entradas em separado com os itens lexicais precedido do morfema.

O Aulete (s/d) não oferece entrada à parte para substantivos ou adjetivos antecidos de *não*. Exemplos como *não eu*, *não existente* (sem hífen) constituem ilustrações. Já no Aulete (1958) há verbetes em separado com *não*: *não apoiado*, *não conformismo*, *não euclidiano*, *não filho*, etc.

Cunha (1987) não dá um só exemplo de formações com *não*. Biderman (1992) não só elenca

\* Professor do Mestrado em Lingüística da UFC. Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa.

exemplos de *não* como elemento prefixado, como explicita três entradas para ele: advérbio, substantivo e prefixo.

Linguístas há que negam ao *não* o estatuto de formador de novas unidades léxicas, entre eles Macambira (1987: 44). Alargando a definição tradicional de advérbio como palavra invariável, modificadora do verbo, do adjetivo e de outro advérbio, o autor admite que a referida classe pode modificar o pronome, o numeral ou mesmo o substantivo, do que decorre ser *não* um elemento independente, não formador de palavras. Macedo (1987: 114) tem igualmente o *não* como veiculador de negação sintática.

Mateus *et alii* (1983), em estudo sobre a negação e o escopo desta, postula três tipos de negação: a lexical, a frasal e a dos constituintes frasais. Deixam claro que *não*, além de ter como escopo um sintagma verbal, pode também incidir sobre um sintagma nominal e um sintagma preposicional. Parecer semelhante ao de Mateus *et alii* é o de Brenner (1981: 101-2).

Pottier (1978: 173-6) também se reporta a *não* em português, como um meio de exprimir negação. Esta, enquadrada na classe da formulação, subclasse da asserção, pode aplicar-se ao nível do sintagma ou do enunciado. Incide sobre o sujeito, sobre o predicado e sobre o circunstante. O substantivo e o adjetivo admitem dois graus de negação: a *integrada*, com *in-*, por exemplo, e a *não-integrada*, com *não*: incorreção/*não*-correção, infeliz/*não*-feliz.

Também existem linguístas para os quais *não* é formador de novas unidades lexicais. Por exemplo, para a negação explícita de cunho lexical, Uppendahl (1979) admite a prefixação com *in*-negativo, *des-* (desleal, desfavor), *dis-* (dissenso), *a-* e *an-* (agramatismo, anarquia). A negação também se pode fazer por meio de elementos correspondentes a itens lexicais: *mal* (malditoso), *sem* (sem-cerimônia) e *não* (não-intervenção, não-alinhado). No caso das formações com *mal*, *sem* e *não*, configura-se, para o autor, composição e não derivação, sendo os referidos elementos unidades léxicas categorizáveis.

Uppendahl explica o que ele caracteriza como composição por *não*, pela economia linguística, uma vez que poupa uma oração subordinada ou outras partes sintáticas: o não-fumante = a pessoa que não fuma; a não-entrega dos documentos = o fato de não entregar os documentos. É em essência a mesma explicação de Alves (1987).

Existem outros autores que tratam os grupos formados de *não* + substantivo e *não* + adjetivo como processos em que o elemento de negação é prefixal. Além de Alves, já citada, cita-se Ferreira (1989). Esta, por fornecer mais pormenores, tem seu trabalho aqui apreciado com mais detença.

A autora aponta as seguintes razões para o caráter prefixal de *não*:

- a) o forte rendimento funcional do elemento, que dá origem a inúmeras formações neológicas;
- b) a extensão de sua utilização a domínio de experiência e registros de língua extremamente diversificados;

c) o acréscimo de significado à base a qual se liga;

d) o fato de pertencer à classe adverbial.

O primeiro argumento peca por petição de princípio. Pressupõe que aceitemos ser *não* um elemento formador de palavras, mas isto é o que se quer provar. Quanto ao forte rendimento funcional, que é uma versão do critério da produtividade, julgamos que é de natureza exterior, pois simplesmente afere a produtividade de uma regra. Reclama-se previamente um critério de base estrutural.

O segundo argumento é ainda mais precário. É vicioso, pois, tal como o outro supracitado, pressupõe que é dado como certo o fato de *não* ser elemento formador de novas unidades léxicas. A multiutilização de *não*, junto a substantivos e adjetivos, nos amplos exemplos domínios da experiência, também nada prova.

O terceiro argumento também nada demonstra. O mero fato de *não* crescer o significado a um item lexical não confere a ele caráter prefixal. O equívoco da autora reside, assim pensamos, em tomar, como ponto de partida, o sentido. Ora, *não* também acrescenta o sentido de negação a um verbo e, nem por isto, é constituinte vocabular.

O último argumento é baseado na concepção de Mitterrand, segundo a própria autora nos informa. Para o autor de *Les Mots Français*, os nomes construídos pela junção de um advérbio ou de uma preposição pertencem ao domínio da derivação, sendo o primeiro um prefixo. Assinalar isto porém não é o bastante.

Começemos por destacar a independência de *não*, a qual decorre da impossibilidade de aglutinar-se às bases a que se liga. Essa independência, relacionada ao fato de *não* conter um ditongo nasal, se traduz nos planos ortográfico e fonológico. Por isto, ocorre a hesitação no emprego do hífen, quer na língua de uso geral, quer nas linguagens técnicas.

*Não* veicula negação sintática, em orações desenvolvidas na voz passiva, com verbo de cópula elíptico:

*Embora não ignoradas, estas questões foram relegadas a segundo plano.*

*Quando não revisado, o trabalho pode apresentar erros.*

Cremos ser igualmente necessário considerar as orações reduzidas de participio, em que o elemento participial é acompanhado por *não*, de negação sintática:

*Não iniciado no horário previsto, o espetáculo foi cancelado.*

Um outro fator, a nosso ver, merece ser considerado: a entonação marcada sobre o adjetivo ou o substantivo antecedido de *não*, de modo que eles acarretam informação nova. Há uma nítida pausa entre *não* e o adjetivo ou substantivo, a qual nos autoriza encarar o elemento de negação como independente do item nominal:

*Cristo pregou não PAZ.*

*Os discípulos são muitas vezes não APLICADOS.*

Construções como estas acima se ligam ao problema do foco e da pressuposição. Diante delas, o alocutário sente necessidade de informações suplementares, como as que se verificam abaixo:

*Cristo pregou não PAZ, mas DISSENSÃO.*

*Os discípulos são muitas vezes não APLICADOS, mas ACOMODADOS.*

Face ao exposto até o momento, constatamos que é simplificador ao extremo caracterizar *não* como elemento formador de palavras, pela simples menção da ambiência. Além do problema de inserir as formações de que ele participa na derivação ou na composição, existem restrições a serem feitas, as quais contribuem para que ele seja elemento independente.

Para nós, convém tomar, como ponto de partida, a distribuição de *não* em dois contextos: um pré-verbal, em que ele é veiculador de negação sintática e outro, em que ele é pré-substantival ou pré-adjetival, formador de novas unidades lexicais. Não se contabilizam os seguintes casos:

- a) em orações desenvolvidas ou reduzidas na voz passiva ou em orações reduzidas em que se registra o apagamento do verbo de cópula;
- b) junto a adjetivos ou substantivos marcados por foco.

Ferreira elenca outras marcas das formações com *não*. Em primeiro lugar, à semelhança de muitos prefixos, funciona como elemento recategorizador: *impressoras não-impacto, países não-OPEP*. Em segundo lugar, adjunge-se a formações com *in-* negativo: *não-inconstitucionalidade*. Por fim, enquanto as unidades construídas com *in-* negativo são passíveis de ser enquadradas em estruturas de intensificação, as construídas com *não* são insusceptíveis de gradação. Diz-se, por exemplo, *um grande insucesso escolar*, mas não *um grande não sucesso escolar*.

O alto número de formações com *não* deve-se ao fato de ele estar mais disponível ao falante médio, como muito bem assinalou Ferreira. A sua utilização não implica alografias nem alomorfias, que se registram por exemplo em *in-* negativo. A propósito disto, faz-se necessário salientar uma observação de Camara Jr. (1977: 47) quanto ao fato de as pretônicas iniciais começadas por vogal deslocarem sua atonicidade mínima para a sílaba seguinte, do que resulta o semi-apagamento das vogais átonas iniciais, que do ponto sincrônico, torna pouco eficientes contrastes do tipo *regular/irregular*.

Uma vez tendo exposto toda a complexa questão em torno do *não*, em ambiente pré-substantival ou pré-adjetival, concluímos o seguinte:

- a) esta forma pode ser vista como prefixo, por uma questão de tradição, já que os afixos iniciais são geralmente associados a advérbios e preposições, mas *não* pode ser considerado derivacional ou composicional, conforme a perspectiva do autor;

- b) esta forma pode ser encarada como advérbio, participante do processo composicional;

- c) esta forma pode ser classificada como prefixóide, porque se vincula a forma livre, mas na formação tem aspecto distribucional distinto desta última;

A primeira posição é sincronicamente arbitrária. Não se explica por que as correspondências tem de existir. A terceira, que é a de Sandmann (1989), é mais explícita. Quanto à base formal, funda-se na distinção distribucional entre forma, enquanto constituinte vocabular, e forma, enquanto elemento de ocorrência isolada. Parece-nos que o autor parte do princípio de que formas em composição devem ser réplicas de formas em sintaxe. Mas a junção de formas, num caso e no outro, não se dá paritariamente. Como explicar compostos com radicais presos e formas livres ou mesmo com radicais presos tão somente? Como explicar uma formação como *videomania* e *fã-clube*, em que o elemento determinante é um nome anterior a outro nome? E *fã* e *vídeo* não são considerados prefixóides, apesar da distribuição diferente em relação às mesmas formas, enquanto elementos de ocorrência isolada. Se formas em composição copiassem estruturas sintáticas em todos os casos, por que compostos do tipo  $V^{\wedge}N$  são categorizáveis como nomes, mas não como verbos?

Parece-nos que é melhor classificar *não*, em contexto pré-substantival e pré-adjetival, como elemento adverbial formador de novas unidades lexicais. Assim evitamos a criação de uma entidade ainda um tanto espúria, porque mal caracterizada, o prefixóide.

## Conclusão

Julgamos ser possível estabelecer que *não* é elemento formador de palavras, em ambiente pré-substantival e pré-adjetival. Isto, porém, por si só não basta, uma vez que não devem ser levados em conta substantivos e adjetivos marcados por foco. Também devem ser excluídos os casos em que *não* se antepõe a participípios em orações desenvolvidas ou reduzidas em que ocorre o apagamento do verbo de cópula.

## Bibliografia

- ALVES, Ieda Maria (1987). A produtividade do prefixo *não-* no português contemporâneo. In: *Ciência e cultura* 39 (11): 1026-8. São Paulo.
- AULETE, F. J. Caldas (s/d). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Vol. 2. Lisboa: Livraria Editora e Oficinas Typographicas e de Encadernação.
- \_\_\_\_\_. (1958). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Delta.
- BARRETO, Mário (1986). A palavra *não* e outros sinais de negação. In: \_\_\_\_\_ *Através do dicio-*



*nário e da gramática*. Rio de Janeiro: Presença/Prómemória/Instituto Nacional do Livro/Fundação Casa de Rui Barbosa.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1992). *Dicionário contemporâneo de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

BRENNER, Teresinha de Moraes (1981). *Modelo de Klima e a dupla negação em português*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

BUENO, Francisco Silveira (1963). *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1977). *Para um estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1987). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, Celso Ferreira da (1983). *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão.

FERREIRA, Margarita Maria Correia (setembro de 1989). *O comportamento prefixal de não-*. Texto Apresentado no XIX Congresso Internacional

de Lingüística e Filologia Românicas. Santiago de Compostela.

MACAMBIRA, José Rebouças (1987). *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira.

MACEDO, Walmírio (1987). *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

MORAES, Antônio (1813). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Vol. 2. Lisboa: Lacédina.

POTTIER, Bernard (1978). *Lingüística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/Universidade de Santa Úrsula.

SANDMANN, Antônio José (1989). *A formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/ Ícone Editora.

UPPENDAHL, Klaus. (1979). *A negação em português*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.